

# Literature, Text and Context: Insights regarding Alternative History, Humour, Zen and more (Supplementary Material Portuguese)

LIVRO  
HYPOTHESIS  
HISTORIA  
PERIODICAL

204

## Crónica da Primeira (e Última...) Convenção Multipunk<sup>1</sup>

João Ventura

A Convenção Steampunk portuguesa tinha aberto as portas. Na mesa da entrada, Sofia e Joana, de corpetes apertados e o resto do vestuário a condizer, recebiam os participantes com um sorriso, procedendo à sua inscrição. Muitos tinham alinhado no proposto Concurso de *Cosplay* Steampunk e apareciam vestidos de formas muito imaginativas.

Um facto inesperado que infelizmente só se tornou evidente tarde de mais é que a elevada concentração de elementos punk provocou uma dobragem no contínuo espaço-tempo, criando um atractor estranho que fez convergir naquele ponto tudo o que é punk no universo conhecido. Ao mesmo tempo, a palavra punk sofre uma infecção viral, começando a produzir metástases.

João Barreiros, o conhecido especialista em literatura punk e afins, está já sentado e prepara as notas no seu tablet para falar sobre Electropunk. Alguém lhe sugere alterar o nome da sua palestra para “Teslapunk”, mas ele recusa, argumentando que embora seja um admirador de Tesla, receia que isso possa originar uma multiplicidade de variantes, como Edisonpunk, Faradaypunk, etc. “Já temos punk que chegue”, terá comentado Barreiros ao autor da sugestão.

De súbito, entra na sala um grupo para o qual todos os olhares convergem. À frente um homem com uma túnica branca, seguido por dois escravos transportando um artefacto consistindo numa braseira tendo por cima uma esfera, provida de dois tubos curvos através dos quais sai vapor. A esfera gira em torno de um eixo, apoiado em dois suportes. A fechar o grupo dois soldados, de saiote de couro e cou-raça metálica, armados de escudo e gládio e com elmos emplumados.

“Trazemos saudações de Alexandria”, falou o homem da frente, com semblante amistoso.

“Sandalpunk!”, identificou André, que era um especialista em punk de características mais retro. “E só espero que não apareçam também... OMFG!”

A exclamação fora originada pelo aparecimento de dois grupos, cada um com três elementos, barbudos, cabelos desgrenhados. Os da frente vestiam roupas feitas de couro curtido, cada um empunhando um machado de cabeça metálica. No segundo grupo os corpos estavam cobertos com peles de animais, e seguravam machados de pedra. Felizmente nenhum mostrava qualquer atitude ameaçadora.

“Bronzepunk e Stonepunk”, explicou André. E receio que isto só agora tenha começado..”

---

1 Originalmente publicada em: Almanaque Steampunk 2013. Joana Neto Lima, Sofia Romualdo, André Nóbrega, Rogério Ribeiro (eds), Clockwork Portugal, Lisboa.

Todos os nomes referidos no conto pertencem a amigos do autor, que estão activamente envolvidos no fandom e apreciaram aparecer na história.

Como que a confirmar as suas palavras, um forte ruído no jardim adjacente à casa fez todos correr às janelas. Uma nave tinha acabado de aterrar, calcinando os arbustos em volta, que tinham sido cuidadosamente aparados na semana anterior.

“Que piloto mais desastrado! Agora vamos ter de indemnizar os donos do edifício pelas plantas estragadas...”, resmungou Rogério, tirando os óculos que o caracterizavam como cientista louco e correndo escada abaixo ao encontro dos navegantes.

A porta da nave abriu-se e dela saiu um homem envolto em roupagens medievais, que retirando da cabeça o capacete com viseira, anunciou:

“Nós somos Spacepunk, claro, mas demos boleia a alguns outros que encontrámos no caminho.” E para dentro da nave, gritou:

“Chegámos, malta! É aqui a Convenção!”

Primeiro saiu um cowboy, ajeitando o cinturão donde pendia o Colt 45. Verificou e ajustou cuidadosamente dois ponteiros no bracelete que trazia no pulso esquerdo, olhou em volta com curiosidade e dirigiu-se para o edifício.

“Westernpunk”, pensou Rogério, olhando agora para dois novos personagens que saíam da nave. Um deles era facilmente identificado como um alquimista, envergava um gibão que apresentava algumas nódoas e queimadelas, certamente resultantes das suas manipulações na procura da pedra filosofal. Trazia ao pescoço um colar de ouro com símbolos cabalísticos, e falava animadamente com outro homem, de grandes barbas brancas, que transportava cuidadosamente um aparelho com grande número de rodas dentadas, que giravam com diferentes velocidades, tendo no topo um par de asas que batiam compassadamente. Este dizia para o alquimista: “Mas nos últimos tempos tenho abandonado um pouco as invenções, tive uma encomenda para pintar a última ceia...”

“Candlepunk e Clockpunk, isto hoje vem tudo”, murmurou Rogério, enquanto se dirigia aos recém-chegados com palavras de boas-vindas.

No meio da confusão que se ia generalizando quase passou despercebida a chegada de um automóvel cujo motor batia ruidosamente e deitava uma imensa fumarada pelo escape duplo.

“Esta malta do Dieselpunk precisa de aprender a afinar os injectores...”, comentou o Luís, folheando os livros em exposição, e espreitando de vez em quando para o terraço onde o pessoal do Solarpunk dava os últimos retoques numa máquina cuja finalidade se revelava obscura para todos, excepto possivelmente para os construtores.

A assistência foi-se acomodando para ter início a sessão inaugural. Nesse momento entrou na sala um homem com um uniforme do exército do princípio do século XX, transportando debaixo do braço um pequeno pipo de vinho.

“Nem o Winepunk faltou!”, comentou o outro Luís.

Quando se fez silêncio na sala, e os organizadores iam abrir formalmente a Convenção, um indivíduo que vestia uma roupa que mudava de cor quando ele se mexia aproximou-se da mesa e anunciou:

“Represento aqui o Timepunk. Venho do futuro, sim! A perturbação no tecido espaço-temporal provocada por esta Convenção reflectiu-se de forma desagradável na época donde venho. E foi necessário tomar medidas. Eu sou um clone do oficial responsável pela manutenção da ordem temporal.”

Deixou a assistência digerir as suas palavras e prosseguiu:

“Também podem considerar-me um representante do Nuclearpunk. Por quê? Porque este objecto

que aqui está” - e mostrou na palma da mão o que parecia ser uma pequena esfera metálica - “é uma nano bomba que quando explodir fará desaparecer este edifício, com todos os seus ocupantes, naturalmente, mas irá restaurar a tessitura do espaço. Infelizmente o processo causará alguns danos colaterais num raio de dois a três quilómetros em torno deste ponto. Se isso vos servir de consolação, pensem só que o vosso desaparecimento vai permitir repor a ordem no Universo.

A pequena esfera adquiriu subitamente uma cor azul brilhante e...

Consta nos registos galácticos que o Porto era uma bonita cidade...

---

*Nota/agradecimento do autor: Ideia com origem na leitura de 2 posts de Romeu Martins no seu blogue Cidade Phantástica (<http://cidadephanastica.blogspot.pt>), intitulados Festival Punk e Festival Punk 2.*